

Organizadoras

Karina Mitalle

Sônia Queiroz

Chefes africanos



Belo Horizonte

FALE/UFMG

2014

Diretora da Faculdade de Letras
Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretor
Rui Rothe-Neves

Comissão editorial
Eliana Lourenço de Lima Reis
Elisa Amorim Vieira
Fábio Bonfim Duarte
Lucia Castello Branco
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Maria Inês de Almeida
Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico
Glória Campos – Mangá Ilustração e Design Gráfico

Preparação de originais
Thiago Landi

Diagramação
Olívia Almeida

Revisão de provas
Juliana Campos
Lilian Ramos

Endereço para correspondência
LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 3108
31270-901 – Belo Horizonte/MG
Tel.: (31) 3409-6072
e-mail: revisores.fale@gmail.com
site: www.lettras.ufmg.br/labeled

Sumário

Apresentação . 5

**Extrato de entrevista de
Jack Goody a Pierre-Emmanuel Dauzat . 9**

O entrevistador . 15

O entrevistado . 17

Mapa político de Gana . 19

Referências . 21

Apresentação

Jack Goody é autor de alguns dos mais importantes livros sobre as relações entre a oralidade e a escrita, publicados na Europa logo nos primeiros anos das reflexões sobre as mudanças que o desenvolvimento das tecnologias da escrita e do impresso promoveram na mente humana, no pensamento, enfim nos modos de viver e ver o mundo.

Ao lado do historiador inglês Eric Havelock, com seus estudos inovadores sobre a oralidade da poesia de Homero; do precursor canadense Walter Ong, que já na década de 1950 reconhece a anterioridade e preponderância da comunicação oral e relativiza a valorização da escrita; do antropólogo francês Lévi-Strauss, com sua pesquisa sobre a linguagem e o pensamento de indígenas da Amazônia brasileira; do canadense Marshal McLuhan, que descreve a revolução dos meios de comunicação de massa na linguagem e nas relações humanas; do filólogo suíço-francês Paul Zumthor, que identifica a voz emergindo da letra nos manuscritos de poemas medievais; e da inglesa Ruth Finnegan, que se dedica especialmente aos cantos da África subsaariana, mas também estuda o fenômeno da composição oral em bandas de rock urbanas, na Inglaterra; ao lado desses grandes estudiosos, o antropólogo inglês Jack Goody é referência obrigatória para quem se interessa pelas questões que envolvem a voz e a letra, a oralidade e a escrita, o letramento, o oral e o escrito, o impresso.

Havelock situa o início dos estudos sobre as relações entre a oralidade e a escrita no início dos anos 1960, quando foram publicados quatro textos que punham em evidência a oralidade: os livros *The Gutenberg Galaxy*, de McLuhan, *La pensée sauvage*, de Lévi-Strauss, *Preface to Plato*, do próprio Eric Havelock, e o artigo de Jack Goody e Ian Watt, "The Consequences of Literacy". O aparecimento simultâneo desses quatro textos em quatro países diferentes (Canadá, França, Inglaterra e Estados Unidos), sem que houvesse comunicação entre seus autores, é comparado por Havelock no texto "A equação oralidade–cultura escrita: uma fórmula para a mente moderna" a um "dique prestes a romper-se, liberando uma onda de atividades intelectuais" dirigidas à explicação da equação oralidade–escrita.

Apesar da indubitável importância do trabalho de Jack Goody, sua extensa obra era até bem pouco tempo estranha ao mercado editorial brasileiro, que só recentemente publicou algumas traduções: a edição pioneira é da Difel, saída em 2000: *O Oriente no Ocidente*; em 2006, a Paulistana publica *As consequências do letramento*; em 2008, saem *O roubo da História*, pela Contexto, e *O oriental, o antigo e o primitivo*, pela EDUSP; em 2011, pela UNESP, *Renascimento: um ou muitos?*; em 2012, a Vozes publicou *A domesticação da mente selvagem* e *O mito, o ritual e o oral*. A tradução para o português de um dos seus livros mais importantes para os estudos das relações oralidade–escrita, *A lógica da escrita e a organização da sociedade*, ficou com as Edições 70, de Lisboa. Vale destacar que quase todos (se não todos) esses títulos publicados no Brasil vêm sendo reeditados. Importante ressaltar também o pioneirismo da entrevista publicada em 2000, realizada por Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, que exalta, além das qualidades intelectuais, a expansividade e descontração do entrevistado. Justificando a inclusão de Jack Goody na coletânea de nove entrevistas *As muitas faces da história*, publicada pela Editora UNESP, Maria Lúcia observa que Goody, embora "mais famoso como antropólogo, é também reconhecido por grandes figuras da Nova História como um colega de ofício exemplar por seu talento e ousadia".

Trazemos aqui, neste *Caderno Viva Voz*, uma tradução de pequeno trecho de outra entrevista, concedida por Jack Goody a Pierre-Emmanuel Dauzat, sobre sua experiência de pesquisa de campo em Gana, na África, especialmente sobre os modos de vida, e morte, e de organização social dos LoDagaa. Foi recortado o trecho que trata da função do chefe nessa sociedade tradicionalmente desprovida de um poder centralizado. A tradução foi feita a partir da edição francesa, de Les Belles Lettres, publicada em 1996, sob o título *L'homme, l'écriture et la mort*. Trata-se de uma coletânea de entrevistas com Jack Goody, organizadas pelo entrevistador.

Esta publicação é resultado de trabalho realizado em sala de aula, na disciplina Edição de Textos Orais. O extrato selecionado foi traduzido oralmente, em voz alta, pela professora, e os estudantes transcreveram essa tradução, que depois foi digitada e revisada por eles. Foi escolhido para publicação, nos *Cadernos Viva Voz*, aquele avaliado como o melhor trabalho de preparação de texto dentre os apresentados pela turma. Posteriormente, esse texto inicialmente preparado passou pelo processo completo de preparação de originais no Laboratório de Edição: normalização, elaboração de paratextos e revisão. E, é claro, para chegar a este estado de impresso, passou ainda pela diagramação, revisão de provas e acabamento, no mesmo Labeled, onde todos os trabalhos são executados por estagiários. Sempre, em todas as etapas, com o acompanhamento das duas que assinamos a folha de rosto: a estudante e a professora.

Karina Mitalle
Sônia Queiroz

Extrato de entrevista de Jack Goody a Pierre-Emmanuel Dautat

Entrevistador: Voltemos aos LoDagaa.¹ Eu entendi que a função de chefe da aldeia era uma necessidade colonial.

Entrevistado: Isso mesmo. Tratava-se de uma sociedade sem poder central: uma sociedade acéfala ou segmentada, como se diz em Antropologia Política. Havia um sacerdote, ou um mestre da terra, mas seu poder político era muito restrito. Ele servia de intermediário entre os habitantes e a terra: se um aldeão fazia correr sangue, era preciso fazer um sacrifício no altar local, e cabia a ele fazer a oferenda. Ele próprio, ou um dos seus representantes, devia marcar presença em diversas outras circunstâncias. Se alguém construía uma casa – de terra, claro – era preciso construir um altar doméstico ligado à terra. Havia até mesmo um altar em cada mercado, em parte para manter a paz em caso de conflito. Todo ano aconteciam sacrifícios, em domicílio ou num altar da praça central, onde se reunia a comunidade. Na realidade, ele era um “chefe de família”. Ocasionalmente, um homem rico ou poderoso adquiria uma certa ascendência, mas isso não era de modo algum uma posição de chefe permanente. Até certo ponto, pode-se dizer que os LoDagaa rejeitavam a autoridade, mesmo quando viviam em outras comunidades que tinham chefe.

¹ Grupo étnico no extremo Norte Ocidental de Gana. Há uma certa dificuldade em definir nitidamente tal etnia, pois ela é encontrada nas fronteiras de Gana com Burquina Faso e Costa do Marfim, locais de grande diversidade e riqueza cultural.

Entrevistador: Tudo mudou com a chegada dos franceses e dos ingleses?

Entrevistado: De fato foi nessa época que foi criada a instituição. Invariavelmente, o comissário do distrito chegava numa aldeia e pedia para ver o chefe, porque era impossível dirigir-se a uma massa desorganizada. Em geral, o sacerdote da terra se escondia em algum lugar. Ele não queria assumir esse papel, porque pensava que não era o seu. Uma outra personalidade local era colocada à frente e assim se constituíram, pouco a pouco, linhagens de chefes. A prática hoje está consolidada. Há chefes, e casas de chefe. Por isso, não creio que a instituição respondesse a uma necessidade local. Os chefes apareceram no contexto colonial, depois a instituição se perpetuou após a independência, porque o governo central tinha necessidade de representantes locais. Apesar das instituições democráticas, das eleições, dos conselhos locais etc., os chefes mantiveram certa importância, ao menos no Norte. É uma honra muito cobiçada. Num momento ou outro de sua carreira, homens que exerceram altas funções políticas ou administrativas voltaram para sua região para se tornarem chefes locais. Isso aconteceu entre os LoDagaa, com um homem chamado Karbo, filho de um intérprete do administrador do distrito que se tornou chefe. Assim se criou uma linhagem. O filho se tornou jurista e dirigiu uma comissão para recrutamento de funcionários. Depois ele se demitiu para se tornar chefe local.

Em Gonja,² onde trabalhei mais tarde, as coisas eram diferentes porque era um reino antigo, onde a instrução do chefe existia de longa data. A função do chefe era muito mais marcada do ponto de vista cerimonial e tinha na sociedade um papel muito mais importante, enquanto que na primeira região onde estive o cerimonial era pobre e os chefes se tornavam frequentemente muito ricos. Em Gonja, a ética obrigava o chefe a doar tanto quanto recebesse. Para ser chefe, era necessário ser generoso. Mas os novos chefes não tinham verdadeiramente assimilado essa ética, alguns eram mais ricos que seus semelhantes de reinos estabelecidos. Entretanto, em

Gonja, da mesma forma, os políticos tinham todo interesse em constituir uma base local. Meu amigo e colaborador J. A. Braimah, que foi o primeiro homem do Norte a fazer parte do governo Nkrumah³ e que se desentendeu com este último, terminou por voltar a sua região para se tornar chefe. Quando ele tinha dificuldades no plano nacional, voltava para a cena local. Ele acabou por se tornar o chefe supremo desta região: no reino antigo, era uma função muito importante; hoje, ela ainda é, mas menos do ponto de vista político do que para os habitantes. A última vez que eu fui à África Ocidental foi para entrevistá-lo sobre sua vida e seus trabalhos. Ele me pareceu encantado com esta função.

Entre as “tribos do ramo Lobi”, com as quais Labouret e eu trabalhamos, ou entre os Nuer⁴ e os Tallensi,⁵ estudados por Evans-Pritchard⁶ e Fortes, não havia função de chefe institucionalizada, mas a situação rapidamente mudou, porque a população local tinha necessidade de um porta-voz, e as autoridades coloniais, de um interlocutor. Isso trazia vantagens para a população porque as autoridades coloniais reivindicavam o monopólio da força física: ora, como a *vendetta* (vingança) era uma maneira tradicional de encerrar certas querelas, era muito útil poder apresentar um conflito diante de um homem da terra. Este não era de forma alguma o árbitro de última instância, pois havia uma justiça colonial, mas o fato é que ninguém queria cair na mão dos brancos.

³ Honorável Doutor Conselheiro Privado Kwame Nkrumah (1909-1972) foi um líder político africano e um dos fundadores do Pan-Africanismo. Ele foi primeiro-ministro (1957-1960) e presidente de Gana (1960-1966). Em 1945 ajudou a organizar o sexto Congresso Pan-Africano em Manchester, Inglaterra e, posteriormente, trabalhou na descolonização da África. Em 1957, quando Gana se tornou independente, Nkrumah foi declarado o Osagyefo (líder vitorioso) e empossado como primeiro-ministro, procurando ajuda do bloco comunista. Em 1962 foi-lhe atribuído o Prêmio Lênin da Paz. Em 1964, depois de turbulências econômicas e políticas, Nkrumah declarou-se presidente vitalício de Gana. Em 1966, o país sofreu um golpe de estado militar que foi apoiado pelo Reino Unido, enquanto Nkrumah estava em Hanoi, no Vietnã do Norte.

⁴ O povo Nuer é constituído por mais de meio milhão de pessoas, que vivem nas regiões centro-meridionais do Sudão e pertencem aos chamados povos nilóticos. São de estatura alta, têm mãos e pés enormes e uma cabeça achatada. Esse povo sempre viveu dividido em grupos autônomos, sem administração central, embora algumas vezes se constituía em federações pouco rígidas, por motivos pontuais. Os clãs que formam os grupos são patriarcais e as uniões matrimoniais são proibidas entre pessoas do mesmo grupo.

⁵ Povo do Norte de Gana, falante de uma língua da família níger-congo, o gur. São criadores de gado, ovelhas e cabras em pequena escala. Sua família é polígama, composta por um homem e seus filhos (e às vezes netos), com suas esposas e filhas solteiras. Filhas casadas vivem com seus maridos em outras comunidades geralmente próximas.

⁶ Sir Edward Evan (E. E.) Evans-Pritchard (1902-1973) foi um antropólogo inglês que teve uma participação fundamental no desenvolvimento da antropologia social. Ele também foi professor de Antropologia Social na Universidade de Oxford entre 1946 e 1970. Em 1971 foi agraciado com o título de “Sir”, equivalente a “Cavaleiro do Império Britânico” (Knight of the British Empire).

² O Distrito Central de Gonja é um dos vinte distritos da região Norte de Gana. Sua capital é Buipe.

Os conflitos eram, portanto, administrados nesse nível, em parte porque não era mais possível administrá-los como antes: usando arco e flechas para abater o porco ou carneiro de seu inimigo sem ter nada a temer da “polícia”. Assim a função de chefe se estabeleceu: na aldeia onde eu estava, o chefe tinha uma casa muito grande e, por ocasião de sua morte, ele tinha 33 esposas, as quais era necessário liberar de seus laços com ele. Isso dá uma ideia de sua acumulação de riquezas. Eu nunca vi nada parecido em Gonja: a distribuição das mulheres ali era bem mais igualitária do que entre os LoDagaa. Em suma, estávamos diante de um processo de acumulação primitiva do capital. A cada vez que os habitantes consultavam o juiz, eles lhe ofereciam um donativo. E no caso preciso a que eu me referi, o homem tinha um altar de cura que tinha adquirido uma grande importância.

Entrevistador: O chefe tinha um papel de curandeiro?

Entrevistado: Não como chefe. A função de chefe era uma instituição singularmente secular, pois o chefe era nomeado pelo governo: ele era até mesmo chamado de “chefe do homem branco”. Diferentemente dos “reis taumaturgos”, ele não tinha, *ipso facto*, um papel de curandeiro. Isto é verdade também em Gonja, onde os chefes tinham entretanto certos papéis rituais. Nesse caso, o chefe dos LoDagaa tinha adquirido um altar particular, que tinha a propriedade de curar e desfazer feitiços etc. Os clientes afluíam e, se eram curados, deixavam seu óbolo, que acabava nas mãos do chefe, ainda que ele só se servisse disso com relação ao seu altar. Muito tempo antes de minha chegada, já tinham vindo pessoas de Koumassi,⁷ a capital, e tinham adquirido o direito de criar em sua cidade um santuário semelhante. Elas chegaram a dar aos chefes um caminho. Ele era portanto muito bem aquinhoado, pois ninguém tinha caminho nessa época.

⁷ Koumassi ou Kumasi é uma cidade localizada na região dos ashantis em Gana, no centro do país. Anteriormente era conhecida por Coomassie. Tem cerca de 976 mil habitantes e foi fundada em 1700. É a antiga capital do reino Ashanti e rodeada por colinas verdejantes. Os vilarejos ao redor da cidade são conhecidos pelos artesanatos.

Entrevistador: Tratava-se então de uma sociedade sem Estado, não “contra” o Estado, como dizia Pierre Clastres?⁸

Entrevistado: Eu creio que havia forças endógenas que caminhavam nesse sentido. Sob vários aspectos, era uma sociedade de fato igualitária, e as riquezas acumuladas eram dispersas através do casamento: quanto mais rico era o homem, mais esposas ele adquiria, mas, para se casar, era necessário pagar um alto preço. Mais do que uma resistência a autoridade, eu falaria de uma certa ambivalência. As pessoas compreendiam que os chefes podiam assumir certas funções: a autoridade judiciária, por exemplo. Mas, num primeiro momento, elas não estavam dispostas a pagar o preço, ainda que, na África Oriental, se conheçam grupos que de uma forma ou de outra reivindicaram chefes para controlar a situação de outra maneira que não a “reciprocidade negativa”: violência, represálias etc. Entretanto, será que essa resistência desapareceu com a chegada das autoridades coloniais? Os habitantes das aldeias aceitaram a instituição de uma função de chefe e viam nela certas vantagens. Não creio que os colonos se importassem com isso, mas todos passaram a partir daí a trabalhar nas terras do chefe, como queria um costume dos sistemas dos governos centralizados, que os chefes se apressaram em retomar por conta própria. Assim, os chefes se viram acumulando grãos, víveres etc., mas para se servirem deles à maneira de José e seus irmãos no Egito: em caso de falta, eles buscavam em suas reservas e distribuíam. Na verdade, fiquei surpreso em ver com que rapidez as coisas mudaram.

Muitos cientistas políticos que vão a campo, e até mesmo certos pesquisadores de Gana, imaginam que a função de chefe sempre existiu em toda parte, o que não é verdade. Eles acreditam que os povos sem chefe são menos desenvolvidos, e naturalmente eles

⁸ Pierre Clastres (1934-1977) foi um importante antropólogo e etnógrafo francês da segunda metade do século XX. É conhecido, sobretudo, por seus trabalhos de antropologia política, suas convicções anarquistas/antiautoritárias e por sua pesquisa sobre os índios Guayaki do Paraguai. Filósofo de formação, interessou-se pela antropologia e especificamente pela América do Sul por influência de Claude Lévi-Strauss e de Alfred Métraux. Uma de suas principais contribuições para a antropologia foi sua crítica à visão, até então dominante, de que sociedades como as dos índios da América do Sul são mais “primitivas” ou “menos desenvolvidas culturalmente” do que sociedades mais hierárquicas, onde a presença do Estado é mais evidente. Ele procurou demonstrar a falsidade do pressuposto de que todas as sociedades necessariamente evoluem de um sistema “tribal”, “comunista” e “igualitário” para sistemas mais hierárquicos.

querem fazê-los parecer mais desenvolvidos. Encontramos exatamente o mesmo exemplo no Leste da Nigéria: quando o governo colonial quis redigir uma constituição para os Ibo, as populações locais pediram uma “casa dos chefes”, ainda que isso nunca tenha existido. A situação não era portanto exatamente aquela que Pierre Clastres e outros descreveram.

Vou apresentar as coisas de outro modo. Na época de Evans-Pritchard, e de acordo com a problemática de Durkheim⁹ e Spencer,¹⁰ um dos problemas centrais da antropologia era explicar como as sociedades podiam funcionar sem estruturas e sem poder centralizado. Esta preocupação ocupou um lugar central – digo isso pensando em Clastres –, e foi assim que Radcliffe-Brown¹¹ pôde se interessar pela linhagem e seu papel no “controle social”, ou que Evans-Pritchard se debruçou sobre o papel da violência limitada na manutenção da ordem. Radcliffe-Brown admirava muito Kropotkin e as teorias da ajuda mútua, e para Evans-Pritchard os Nuer viviam num regime de anarquia organizada. E ainda uma vez mais justa falar de ambivalência.

⁹ Émile Durkheim (1858-1917) é considerado um dos pais da sociologia, tendo sido o fundador da escola francesa, posterior a Marx, que combinava a pesquisa empírica com a teoria sociológica. É amplamente reconhecido como um dos melhores teóricos do conceito da coesão social. Partindo da afirmação de que “os fatos sociais devem ser tratados como coisas”, forneceu uma definição do normal e do patológico aplicada a cada sociedade, em que o normal seria aquilo que é ao mesmo tempo obrigatório para o indivíduo e superior a ele, o que significa que a sociedade e a consciência coletiva são entidades morais, antes mesmo de terem uma existência tangível. Essa preponderância da sociedade sobre o indivíduo deve permitir a realização deste, desde que consiga integrar-se a essa estrutura. A sociologia fortaleceu-se graças a Durkheim e seus seguidores. Ele fundou também a revista *L'Année Sociologique*, que afirmou a preeminência durkheimiana no mundo inteiro.

¹⁰ Herbert Spencer (1820-1903) foi um filósofo inglês e um dos representantes do positivismo. Ele foi um profundo admirador da obra de Charles Darwin e é de Spencer a expressão “sobrevivência do mais apto” (em sua obra procurou aplicar as leis da evolução a todos os níveis da atividade humana). É considerado o “pai” do darwinismo social, embora jamais tenha utilizado o termo. Com base em suas ideias, alguns autores procuraram justificar a divisão da sociedade em classes, sugerindo-a como exemplo de seleção natural.

¹¹ Alfred Reginald Radcliffe-Brown (1881-1955) foi um cientista social britânico, considerado um dos maiores expoentes da antropologia, tendo desenvolvido a teoria do funcionalismo estrutural. Em seus trabalhos, Radcliffe-Brown desenvolveu muitas das teorias e conceitos em que fundou todo o seu pensamento antropológico e social. Prestando especial atenção às questões da organização familiar e à estrutura do parentesco, ele procurou explicar a realidade social como um sistema ativo em que os diferentes elementos interdependentes funcionam consistentemente para o equilíbrio geral. Esta perspectiva estrutural-funcionalista, que dominou durante várias décadas a antropologia social, essencialmente desenvolvida por Bronislaw Malinowski e pelo próprio Radcliffe-Brown, pretendia, através do estudo comparativo dos povos ditos primitivos, descobrir as leis gerais sobre o funcionamento das sociedades humanas.

14 . Chefes africanos

O entrevistador

Pierre-Emmanuel Dautat

Pierre-Emmanuel Dautat nasceu em 1958, é tradutor, escritor e ensaísta. Traduziu mais de 300 obras (algumas sob pseudônimo) de autores como Schumpeter, Edgard Wind, Landes, Freud, Jones, Steiner, e de línguas que variam desde o hebraico bíblico até a língua urdu. Sua obra pessoal procura refletir sobre a formação do pensamento cristão a uma análise crítica da ideologia contemporânea, marcando a importância do Holocausto dentro da história ocidental. Também é autor de numerosas edições de textos clássicos e inúmeros prefácios. Livros de sua autoria (nenhum deles foi traduzido, ainda, para o português):

Holocauste ordinaire: histoires d'usurpation, Bayard, 2007.

Les sexes du Christ: essai sur l'excédent sexuel du christianisme, De-noël, 2007.

Judas, de l'Évangile à l'Holocauste, Bayard, 2006.

Cahiers de l'Herne George Steiner, L'Herne, 2005.

Les Pères de leur Mère: essai sur l'esprit de contradiction des Pères de l'Eglise, Albin Michel, 2002.

L'invention de Marie-Madeleine, Bayard, 2002.

Le nihilisme chrétien, PUF (Perspectives critiques), 2001.

L'Homme, l'écriture et la mort: entretiens avec Jack Goody, Les Belles Lettres, 1996.

O entrevistado

Jack Goody

Sir John Rankine Goody, conhecido como Jack Goody, é um cientista social e antropólogo (com estudos voltados para a arqueologia e posteriormente para a antropologia) que nasceu no Reino Unido, em julho de 1919. Em 1938 foi para Cambridge estudar Inglês e Literatura, onde foi aluno de Evans-Pritchard e Meyer Fortes e conheceu vários intelectuais de esquerda, como Eric Hobsbawm. Goody foi eleito membro da Academia Britânica em 1976 e posteriormente nomeado Cavaleiro do Império Britânico pela rainha Elisabeth II. Atualmente é membro da Academia Nacional de Ciências dos EUA e recentemente tem escrito sobre temas que rediscutem as ideologias de sustentação ao eurocentrismo, apontando reinterpretções na cultura europeia como, por exemplo, no livro *O Roubo da história*.

Jack Goody lecionou Antropologia Social entre 1954 e 1984, na Universidade de Cambridge. No âmbito da antropologia, focou trabalhos sobre as condições causais e os efeitos da escrita na tecnologia.

Também realizou trabalho de campo em Gana, principalmente em torno do grupo doméstico e das implicações da oralidade e da escrita para a memória e para a cognição. Ainda tem produzido um conjunto amplo de sínteses em que está patente de um modo mais ou menos explícito o contraste entre a Eurásia e a África negra. Esse contraste é analisado tendo em conta as diferenças existentes em relação à economia, nível fundamental, regimes matrimoniais, à transmissão de propriedade, à estratificação social e cultural e aos

Referências

- CENTRAL Gonja District. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://goo.gl/XHBeqD>>. Acesso em: 26 jun. 2013.
- E. E. Evans-Pritchard. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://goo.gl/MQ5B5i>>. Acesso em: 26 jun. 2013.
- ÉMILE Durkheim. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://goo.gl/A7BVb>>. Acesso em: 26 jun. 2013.
- GOODY, Jack. L'Afrique. In: _____. *L'homme, l'écriture et la mort: entretiens avec Pierre-Emmanuel Dauzat*. Paris: Les Belles Lettres, 1996. p. 109-115.
- HERBERT Spencer. In: UOL Educação. Disponível em: <<http://goo.gl/ArWuyD>>. Acesso em: 26 jun. 2013.
- HERBERT Spencer. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://goo.gl/CMLoKL>>. Acesso em: 26 jun. 2013
- JACK Goody. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://goo.gl/94vwCa>>. Acesso em: 26 jun. 2013.
- KOUMASSI. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://goo.gl/AufwRs>>. Acesso em: 26 jun. 2013.
- KWAME Nkrumah. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://goo.gl/jdBs3r>>. Acesso em: 26 jun. 2013.
- LODAGAA. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://goo.gl/9FSDSP>>. Acesso em: 26 jun. 2013.
- MAGELLAN GEOGRAPHIX. *Mapa político de Gana*. 1997. Disponível em: <<http://goo.gl/h0fk85>>. Acesso em: 26 jun. 2013.
- OS Nuer. *Audácia*. Disponível em: <<http://goo.gl/jZgZoP>>. Acesso em: 26 jun. 2013.
- PIERRE Clastres. In: COSAC NAIFY. Disponível em: <<http://goo.gl/rM5Dn6>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

PIERRE Clastres. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://goo.gl/PRj7Fs>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

Presses Universitaires de France. Site que apresenta as principais publicações e autores das universidades francesas. Disponível em: <<http://goo.gl/p6TuqC>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

RADCLIFFE-BROWN. In: INFOPÉDIA – Enciclopédia e dicionários Porto Editora. Disponível em: <<http://goo.gl/ZgGSga>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

SOBRAL, José Manuel. Jack Goody: nota bibliográfica. *Análise Social*, Lisboa, n. 173, p. 763-765, 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/rejx18>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

TALLENSI. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://goo.gl/rfx3Ts>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

Publicações Viva Voz de interesse para a área de estudos africanos

A tradição oral

Sônia Queiroz (Org.)

Brasilidades que vêm da África

3. ed. revisada

Sônia Queiroz (Org.)

História de sabidos

Sônia Queiroz (Org.)

Negros pelo Vale

3. ed. revista e ampliada

Josiley Souza (Org.)

As Publicações Viva Voz estão disponíveis também em versão eletrônica no site: <www.lettras.ufmg.br/vivavoz>.



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos orientados e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.